

SEGUNDO CADERNO

Aniversário pouco celebrado

‘Limite’, de Mário Peixoto, completa 75 anos sem festa e sem o reconhecimento merecido

Thaís Britto

Presença garantida em qualquer lista de melhores filmes brasileiros da história, “Limite”, de Mário Peixoto, completa 75 anos de lançamento em 2006. Mas o prestígio e verdadeira adoração que desfruta na classe cinematográfica nunca renderam à obra visibilidade por parte do grande público. A pouca celebração dedicada ao aniversário denuncia o problema: até agora, apenas a Fundação Mário Peixoto, em Mangaratiba (onde o filme foi rodado), planeja uma exibição especial de “Limite”, seguida de debate, em maio.

Único filme do diretor, rodado quando tinha apenas 22 anos, “Limite” é um filme mudo, em preto-e-branco, de narrativa complexa: características suficientes para transformá-lo ao mesmo tempo em um dos filmes mais importantes e menos assistidos da história do cinema nacional. Nem mesmo a família do único participante vivo do filme o recomendaria a um potencial espectador: organizaram uma sessão para prestigiar a “atuação” do patriarca no ano passado, mas não ficaram satisfeitos com o que viram.

Filha do único participante ainda vivo se decepcionou

— Não gostei muito. Fomos na expectativa de ver o papai e nos decepcionamos. Acho que a participação dele não estava no enredo. Ele devia estar mexendo nas canoas e acabou aparecendo — conta Adalgisa, filha de Damásio Beltrão, que, aos 16 anos, fez uma ponta em “Limite”.

Damásio sempre foi lenda em Mangaratiba, onde morou quando era jovem. Afinal, integrar a equipe de “Limite” é façanha digna de respeito. Mas sua família nunca soube da história. E, infelizmente, a idade avançada do aposentado, que tem 92 anos, não permite conhecer detalhes da experiência, transformando a façanha em mistério.

— O Damásio morava em Mangaratiba na época das filmagens e existia o boato de que ele teria participado do filme. Há dez anos, num evento em que a Olga Breno (atriz de “Limite”) esteve na cidade, ela o



Reprodução



Berg Silva

A ATRIZ Olga Breno em cena nas filmagens de “Limite” e, à direita, as mesmas casas na Rua Rubião Júnior, no centro de Mangaratiba: história do cinema conservada

reconheceu — conta Moacyr Bastos, reitor da universidade homônima localizada no bairro de Campo Grande, onde o aposentado mora.

Zilda Nóbrega, de 88 anos, é prima de Damásio e ainda se lembra da movimentação da equipe.

— Nós brincávamos perto do mar e das canoas. Lembro-me daquele pessoal andando para lá e para cá com as câmeras. Depois, nunca mais ouvi falar nesse filme. Não consegui ver o Damásio quando assistimos. E nem entendi nada daquilo.

Responsável pela restauração de “Limite” nos anos 60 e amigo de Mário Peixoto, Saulo Pereira de Melo não se preocupa com o pouco alcance do filme. Bem-humorado, diz que não se interessa em comemorar os 75 anos do filme, que, segundo ele, tem uma platéia estabelecida.

— “Limite” não é e nunca será conhecido do grande público. Além do mais, é muito chato. Há tempos, durante uma invasão de terras na fazenda Santa Justina (usada como locação à época das filmagens), o proprietário me perguntou o que fazer com os invasores e eu disse: passa “Limite” todos os dias que eles acabam fugindo — brinca. — É chato para os padrões do cinema atual, mas é de uma importância que chega a ser tocante.

Dizer que a vida de Saulo mudou desde a primeira vez que ele assistiu a “Limite” não é exagero. Foi aos 18 anos, numa exibição realizada na Faculdade Nacional de Filosofia:

— Nem queria ver o filme, queria mesmo era levar uma menininha da faculdade. Quando soube que era um filme brasileiro, mudo e em preto-e-branco, fiquei assustadíssimo. Depois que vi, fiquei mais assustado ainda. Nunca pensei que o cinema pudesse fazer algo daquele tipo, muito menos o cinema brasileiro.

Saulo não foi o único a ficar impressionado. O cineasta Sérgio Machado, que em 2001 dirigiu o documentário “Onde a Terra acaba”, sobre a vida de Peixoto e os bastidores de “Limite”, também tem lembranças da sua primeira sessão.

— Foi na Bahia, quando tinha uns 18 anos. Fiquei muito perturbado. As imagens não saíram da minha cabeça durante muito tempo. O filme resume o que de melhor se deu na história do cinema mudo — analisa o diretor.

A busca do ser humano pelo infinito — e sua conseqüente decepção — é desenvolvida num enredo aparentemente simples: duas mulheres e um homem contam suas histórias a bordo de um barco em alto-mar. A força de “Limite” não está, porém, na trama, co-

mo explica o professor da Faculdade de Cinema da PUC Hernani Heffner:

— O filme tem uma construção muito sofisticada, tanto nos movimentos de câmera como na fotografia e nas interpretações. As histórias banais ganham dimensão profunda, e isso tudo é conseguido apenas com recursos cinematográficos. A capacidade da imagem de comunicar sentimento é impressionante. “Limite” tem planos únicos na história do cinema mundial.

Peixoto nunca chegou a filmar novamente

Apesar do incontestável talento, Mário Peixoto tornou-se refém da própria obra-prima. Ainda escreveu outros roteiros, mas nunca chegou a filmar novamente.

— Era um desafio terrível fazer um segundo filme melhor do que “Limite”. Mário era constantemente assombrado por essa pressão. Além disso, quando o filme foi lançado, o cinema mudo já havia acabado. Para se adequar à novidade da sonorização, seria necessário mais dinheiro, e ele não tinha — conta Saulo.

Sérgio Machado acredita que a relação de Peixoto com o tempo também foi determinante para transformá-lo num homem de um filme só.

— Ele não gostava de completar

nada para não sentir que a vida estava acabando. É uma característica que a gente percebe desde a adolescência até os 80 anos. Tinha uma preocupação constante em adiar o fim de qualquer ação que realizasse.

A personalidade exótica de Peixoto era folclórica. Entre as manias estava a de inventar histórias. A mais conhecida foi a publicação do artigo “Um filme da América do Sul”, sobre “Limite”, atribuído ao cineasta russo Sergei Eisenstein. Anos depois descobriu-se que o autor do texto era o próprio Peixoto, que negou até o fim da vida que o tivesse escrito. Saulo acredita que a crença das pessoas na história o incentivava a considerá-la verdadeira.

Mas que ninguém pense que o diretor havia perdido a sanidade. Para Saulo, Peixoto construiu sua biografia a partir de seu maior projeto, o romance “O inútil de cada um”. Ele passou a vida redigindo a obra, que chegou ao fim com seis volumes.

— Ele contava a história de sua vida como gostaria que fosse. Às vezes atribuía à biografia acontecimentos que na verdade estavam no livro. Quando estava velho, começou a embaralhar as coisas, não porque estivesse maluco ou demente. Precisava sentir que aquilo era verdadeiro para escrever. O romance era a vida dele. ■